

# JOGOS DE BARBANTE, LINHAS, AMARRAÇÕES E OUTRAS FIGURAS NA COMPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIAS ESCRITAS E SENSORIAIS

## STRING FIGURES, LINES, LASHINGS AND OTHER FIGURES IN THE COMPOSITION OF WRITTEN AND SENSORIAL ETHNOGRAPHIES

Tatiana Lotierzo<sup>1</sup>  
Luis Felipe Kojima Hirano<sup>2</sup>

### Apresentação

Linhas, fios, rastros, caminhos, emaranhados, e a possibilidade de envolvê-los (de envolver-se) em jogos de barbante de muitas variedades abrem novos caminhos para fazer etnografia. Este dossiê reúne artigos que se embrenharam de modos diferentes em fluxos desse tipo, evidenciando algumas vias presentes na antropologia atual e acenando para novas questões e relações possíveis na pesquisa antropológica.

Essas vias envolvem o multimodal, a articulação de (bio)grafias em *meshworks*, fotografias ou desenhos, a própria escrita tornada experimental e outros modos de elaboração/apresentação do conhecimento. As propostas aqui contempladas buscam – e devem muito a – relações que ultrapassam os limites do acadêmico e que envolvem preocupações com a perpetuação da vida em diferentes registros ontológicos. Envolvem, também, um empenho para que as pesquisas tenham alcances variados e sejam recebidas de diversas maneiras, transformando relações de conhecimento e aprendizagem, produzindo novas correspondências e engajamentos.

Duas referências merecem ser lembradas, nesse sentido, e figuram em diferentes artigos do dossiê. Tim Ingold (2007) considera que as linhas são um campo de investigação antropológica, pois a própria vida é vivida ao longo de linhas, deixando pegadas quando caminhamos, inscrições e costuras quando escrevemos e tecemos, mas também quando observamos, narramos e desenhamos. A linha não pode ser confundida com linearidade ou

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Realiza Pós-Doutorado no PPGAS-USP, com orientação de Sylvia Caiuby Novaes e bolsa Fapesp (Processo nº 2020/13.113-1). E-mail: tatianalotierzo@gmail.com. Número ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6675-3601>.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Bolsista CNPq Nível 2. E-mail: lfhirano@gmail.com. Número ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9889-4967>.

como um conector entre pontos, ela deve ser pensada em movimento, como um fluxo transformacional que permite produzir novas correspondências.

Haraway (2016) retoma o jogo de barbante navajo *Ma'ii Ats'áá' Yílwoi* (*Coiotes correndo em direções opostas*), que remonta ao desmanche dos padrões arranjados por Deus Fogo pelo *trickster* Coiote. Jogos de barbante são feitos e desfeitos em/com diferentes mundos de SF – *Science Fiction, Science Facts, Speculative Fabulations, Speculative Feminism, String Figures* [*Ficção Científica, Fatos Científicos, Fabulações Especulativas, Feminismo Especulativo, Jogos de Barbante*] e assim por diante –, e envolvem a passagem de padrões, desejados ou não, pelas mãos de diferentes jogadores, uma *responsa-habilidade* (*response-ability*) pela continuação do jogo, pela perpetuação dos mundos, de modo a “ficar com os problemas” entre espécies companheiras, simbióticas e simpoiéticas.

O termo “pensamento tentacular” é adotado por Haraway como forma de se contrapor a um modo de pensamento antropomórfico, dominado pela visão. O tentáculo refere-se à percepção pelo toque, sensação e experimentação, ele remete ao não-humano e acena para conhecimentos relativos à sensorialidade de múltiplos braços ou mãos, muitos cérebros espalhados/partilhados em corpos simbióticos.

Os tentaculares implicam-me em SF. Seus membros são fios de jogo em figuras entretecidas. Eles envolvem-me em *poiesis*, na feita de *speculative fables* [fábulas especulativas], *science fiction* [ficção científica], *science fact* [fato científico], *speculative feminism* [feminismo especulativo], *soin de ficelle, so far (so far)* [e assim por diante]. Os tentaculares conectam e desconectam; eles fazem cortes e nós; eles fazem distinções, eles tecem caminhos e consequências, mas não determinismos, eles são ao mesmo tempo abertos e linkados de um jeito, não de outro. SF é contação de histórias e contação de fatos. [...] Eu uso jogos de barbante como um tropo teórico, como uma maneira de fazer-pensar-com como emaranhado simpoiético, implicação, rastreamento/traçado e arranjos com numerosos companheiros. Eu trabalho com e na SF como compostagem material-semiótica, como teoria na lama e na bagunça (confusão). (Haraway, 2016: 49)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> No original: "The tentaculares entangle me in SF. Their limbs are playthreads in thread-figures. They involve me in *poiesis*, in the making of speculative fables, science fiction, science fact, speculative feminism, *soin de ficelle, so far (so far)*. The tentaculares connect and disconnect; they make cuts and knots; they make distinctions, they weave paths and consequences but not determinisms, they are at once open and linked, one way, not the other. SF is storytelling and facttelling. [...] I use string figures as a theoretical trope, as a way of doing think-with as sympoietic entangling, tangling, tracing and sorting with numerous companions. I work with and in SF as material-semiotic composting, as theory in mud and mess (*muddle*)" (Haraway, 2016: 49).

Múltiplos pensamentos e movimentos se concebem e distribuem através de linhas e fluxos em movimento, sugerindo estabilizações provisórias – até que outro jogador receba a trama dos fios –, para logo se transformar em novas perguntas. É o caso dos desenhos – por exemplo, os desenhos yanomami que compõem novas topologias da vida na *terra-floresta* (Kopenawa e Albert, 2015; Garcia dos Santos, 2014; Hirano, 2022), dos grafismos e outras composições –, dos caminhos e territórios sentidos ao caminhar pegadas (Lotierzo, 2019; 2022), das diferentes linhas que atravessam e compõem filosofias africanas e amefricadinoamericanas (Gonzales, 1998; Rios, 2019; Oliveira Silva, no presente dossiê) e das inúmeras amarrações envolvendo superfícies variadas – corpos, cestaria, tecidos, papel, cantos e outras. Esses são, é claro, apenas alguns engajamentos criativos possíveis, que recordamos em meio à vasta gama de possibilidades de conhecimento através de/em “emaranhados intra-ativos” (Barad, 2007; 2017)<sup>4</sup>.

Esse tipo de questão tem estado presente em nossas próprias pesquisas. Com os artistas inga Benjamín Jacanamijoy (Uaira Uaua), Kindi Llajtu, Carlos Jacanamijoy, Rosa Tisoy, Tirsa Chindoy e Nestor Jacanamijoy, Tatiana Lotierzo (2019; 2020; 2022) aprendeu a desenhar tramas que dão muitas coisas para quem sabe vê-las/senti-las; elas formam caminhos que alimentam a *própria história* – uma história que somente aquela pessoa pode contar. Nesse contexto, seria possível dizer que as linhas do tipo *quilca*, aprendidas com Uaira Uaua, deixam-se ver como *meshworks*, com tentáculos que se emaranham e vão refazendo corpos feridos, inquietos, enfermos, *compostando* (Haraway, 2016) seus caminhos na terra. Certas linhas de sementes – como grãos de milho, no corpo de Rosa Tisoy – são muitos olhos que formam desenhos, fluxos eu-outro em diferentes tempos da existência. Outras linhas desenhadas mostram figuras-percurso, como pássaros, árvores, canoas: amarrações de *pegadas* (cores, texturas), como ensina Kindi Llajtu. Linhas, então, acrescentam dobras à percepção do ambiente, formam corredores de erosões que arrastam e escancaram as conexões profundas que nos tornam *simbiontes*, inúmeras camadas de

---

<sup>4</sup> Barad (2017: 16, 20) desfaz separações disciplinares da materialidade em diferentes representações (discursivas) – “econômicas”, “sociais”, “ambientais”, “psíquicas”, “físicas”, “geológicas”, “geopolíticas” etc. –, buscando situar as forças material-discursivas que possam “ser importantes para processos (emaranhados) de materialização”. Intra-ação difere de interação: enquanto a interação pressuporia a existência anterior de entidades independentes (*relata*), a intra-ação pressupõe um olhar para os engajamentos por sua participação em *fenômenos*, ou seja, reconhece “a inseparabilidade epistemológica entre ‘observador’ e ‘observado’” e a “inseparabilidade ontológica de ‘componentes’ agencialmente intra-ativos”. Segundo ela, “*relata* não preexistem às relações; antes, *relata*-intra-fenômenos emergem através de intra-ações específicas”.

sensações que se desprendem com/na relação com lugares que importam, tempos, seres, em meio a uma multiplicidade de olhos-ementes, dentro e fora dos corpos. O que as linhas podem mostrar são as inúmeras relações constitutivas de corpos múltiplos, tentaculares, que tateiam ao redor e se movem com uma série de outros eventos e seres – e convidam a entender que ali também há algo para si, de si.

As implicações ontológicas do desenhar estão presentes na pesquisa atual de Tatiana, que compõe (com) desenhos e fotografias, a fim de refletir sobre o conhecimento que se desdobra ao tecer, tramar, emaranhar e percorrer essas linhas, mediadoras do tato que faz alcançar (agarrar?) a própria história – uma história que somente ela pode contar, como aprendeu com Benjamín Jacanamijoy.

Em sua pesquisa de campo sobre a terapia Arte Org<sup>5</sup>, Luis Felipe Kojima Hirano encontrou uma teoria nativa sobre corpo e percepção, com contribuições renovadas para a discussão sobre sentidos, afetos e percepções. Nessa prática terapêutica, questionam-se tanto o excepcionalismo humano, quanto determinadas formas de perceber o mundo que visam ao aumento da produtividade capitalista. As linhas surgem em sua interlocução com a fotógrafa Evelyn Torrecilla, que desenvolveu uma linguagem fotográfica para si na terapia Arte Org.

Ela conta que Jovino Camargo Jr., seu terapeuta e criador dessa terapia, a incentivava a fotografar com modos de olhar aprendidos em exercícios perceptivos da Arte Org: acompanhar o movimento dos olhos em estado de relaxamento, caminhando soltos por um referente percebido de modo difuso. Jovino a instigava a ir contra a tendência do olhar focado, presente em manuais de fotografia, e a repensar o uso do ponto focal e de regras de enquadramento, como as proporções áureas.

Esse modo de olhar difuso aprendido na Arte Org, que caminha ao longo da paisagem, tem ressonâncias com as linhas de Ingold (2007, 2011a, 2011b, 2013, 2015). Para o antropólogo britânico, a vida é vivida em linhas que se movem *ao longo de*

---

<sup>5</sup>A terapia Arte Org foi criada por Jovino Camargo Jr. e outros terapeutas dos Institutos Wilhelm Reich do Brasil e do Chile, visando atualizar a Psicologia de Wilhelm Reich para lidar com o funcionamento humano contemporâneo. Grosso modo, se a técnica terapêutica de Reich trabalhava sobretudo o corpo, a Arte Org vai desenvolver um aparato teórico-metodológico para também lidar com alguns segmentos perceptivos, como a visão, a audição, o háptico e a atenção, dado que, segundo Jovino, boa parte do sofrimento contemporâneo estaria ligado à complexa relação entre a percepção e o corpo. Em termos clínicos, a terapia desenvolve-se sobretudo com exercícios-procedimentos de movimento corporal e perceptivo para além da análise da dimensão verbal.

superfícies, o que desfaz uma maneira ocidental de pensar que a vida seria vivida *nos* locais (pontos). Na perspectiva hilemórfica – de um local a outro –, somos transportados em um destino-orientado, perdendo de vista a própria jornada, o próprio fluxo da vida, como diria Ingold. Ou, como dizia Jovino, “o caminho se faz ao andar”. No ensino de fotografia, aprendemos a dividir o visor da câmera em terços de linhas paralelas e perpendiculares equidistantes, e a focar em um dos pontos de intersecção entre essas linhas, ou no centro de uma espiral de Fibonacci, entre outras regras. O objetivo é produzir uma imagem que transporte o olhar para o tema central da foto. Talvez por essa razão, Ingold defende o desenho em contraposição à fotografia, pois o desenho seria a inscrição do movimento acoplado da visão e das mãos *ao longo de* uma superfície, ao passo que a foto seria resultado de um *click* com as pontas dos dedos e de um olhar projetivo diante do referente. O desenho faria linhas, fluindo no tempo; a fotografia faria pontos e instantes<sup>6</sup>.

Evelyn, inspirada pela Arte Org, busca literalmente “desenhar com a fotografia”, em vez de lápis ou caneta. Para isso, ela aumenta o tempo de exposição da máquina fotográfica e move a câmera *ao longo do* ambiente. O resultado são linhas desenhadas com a luz, como na fotografia de capa desta edição da revista *Illuminuras*, tirada na Avenida Paulista, em outubro de 2022, que faz parte da série *Paisagens Inventadas*<sup>7</sup>. Com as luzes dos carros, postes, semáforos e prédios, Evelyn desenha inúmeras linhas de diferentes cores – vermelho, azul, verde, amarelo –, que se repetem e se emaranham entre si, criando curvas e nós. Assim, Evelyn borra as distinções entre fotografia e desenho, criando uma foto-devir-desenho e um desenho-devir-foto. A imagem de capa do dossiê convida-nos a caminhar ao longo das linhas, evitando que os olhos se fixem apenas em pontos pré-definidos, como ensina Evelyn<sup>8</sup>.

O movimento está presente na reunião dos artigos deste dossiê. Há nele alguns nós e/ou tentáculos que tramam questões importantes, montam (e desfazem) “camas de gato” e

---

<sup>6</sup> Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013) mostram que Gastón Bachelard concebe *duração* e *instante* como percepções complementares: “a duração não é sentida que pelos instantes” (Bachelard 1965 *apud* Rocha; Eckert, 2013: 22). Nesses termos, poderíamos pensar de que maneira o conceito de duração poderia contribuir para a dicotomia entre instante e fluxo, presente na discussão sobre desenho e fotografia (Berger, 2005; Taussig, 2011; Ingold, 2007, 2011a, 2011b, 2013, 2015).

<sup>7</sup> A fotografia não tem título.

<sup>8</sup> Para conhecer melhor o trabalho de Evelyn, ver o filme *Habitar os olhos*, de Luis Felipe, que buscou criar um percepto das fotografias de Evelyn e dos modos de ver na Arte Org: <https://www.youtube.com/watch?v=WGgWCzPTbs>. Para uma etnografia da experiência fotográfica de Evelyn, ver o artigo do mesmo autor, intitulado “Desenhando com a fotografia: habitando dobras entre formas expressivas”, a ser publicado em breve pela revista *Mana*.

outros entrelaçados. A linha como vida e os jogos de barbante como a própria possibilidade de pensar as vidas em um mundo em ruínas é uma das tônicas que ressoam nas tramas dos artigos. Os textos do dossiê, portanto, não são pontos que transportam o/a leitor/a, um a um, em direção a uma conclusão, mas são emaranhados com múltiplos nós – eles vão e vêm em diferentes passagens.

Suely Kofes, em “Linha e Escrita, desenhos?”, enfrenta o desafio de pensar as biografias (grafias da vida) com Ingold e Donna Haraway, tecendo *meshworks* que permitem re-acessar, a partir de relações que não estão necessariamente presentes nas biografias/etnografias sobre trajetórias, as vidas de Ishi – considerado o último membro conhecido do povo indígena Yahi, por Alfred Kroeber and T. T. Waterman<sup>9</sup> –, Santa Bakhita – mulher sudanesa escravizada que, após tornar-se liberta, ingressa em uma ordem católica e é santificada – e Irene – uma interlocutora da pesquisa feita por Kofes (1976) em uma vila de moradia popular financiada pelo Estado (Cohab-BNH), em Campinas, entre 1973 e 1975. As linhas e nós, como explica Kofes, não fecham “as relações em grupos, sociedades, indivíduos, nem se limita[m] à escrita, mas sim estende[m] relações e as suas inscrições”. O *meshwork*, dessa forma, permite visualizar no espaço do papel uma série de nós, uma espécie de trama aracnídea que se abre e revela silêncios, ruídos, vazios e caminhos feitos, por fazer, devires etnográficos nos quais as histórias – as vidas – deixam-se acontecer à revelia dos marcos rígidos de cronologias fechadas.

A questão da bio-grafia<sup>10</sup> faz-se presente também nos trabalhos “Rua C: os miúdos registros de minha memória”, de Larissa Neves da Costa, e “A intimidade do parentesco: e

---

<sup>9</sup> Ishi foi encontrado na cidade de Oroville, possivelmente após uma migração forçada, em 1911, e foi logo levado ao Museu de Antropologia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde passou a viver e virou objeto de pesquisas. Desde então, Ishi passou por sucessivas hospitalizações, por diferentes motivos, vindo a falecer em 1916. Após sua morte e cremação, ma polêmica envolvendo o desaparecimento de seu cérebro leva o Butte County Native American Cultural Committee, formado por indígenas de quatro povos maidu no início dos anos 1990, a uma busca para localizar e depositar os restos mortais de Ishi e seu espírito em sua terra natal – o que envolve diferentes organismos científicos, jurídicos e políticos. O desfecho se dá somente nos anos de 1999 e 2000, quando o corpo (cérebro e cinzas) é repatriado e o Comitê consegue enterrar Ishi da maneira adequada.

<sup>10</sup> Uma discussão possível seria também em torno da noção de autoetnografia – um tipo de pesquisa que vem ganhando força na atualidade. Fabiene Gama (2020) situa como questão fundamental à autoetnografia o engajamento, a atenção mais intensamente colocada nos “conhecimentos apreendidos através do nosso próprio corpo, que se move e encontra diferentes ambientes, pessoas, objetos e experimenta diversas emoções”. Se é verdade que tais dimensões também já estão presentes na própria definição de etnografia (ver Caiuby Novaes, 2014), Gama destaca a possibilidade, na autoetnografia, de falar mais sobre si, expressando posições e conflitos pessoais de modo muito mais aberto do que em um texto etnográfico. Consideramos importante, nesse sentido, notar o quanto as *relações* entre diferentes sujeitos, humanos e/ou não-humanos,

os pedaços de minha mãe”, de Ana Clara Damásio, ambas articulando textos que visam a uma *escrevivência*, conforme a proposta por Conceição Evaristo (2020a), entretecida com fotografias.

Larissa Neves da Costa convida-nos a conhecer a Rua C, onde cresceu, na periferia da cidade de Goiânia (GO). Ela enlaça lembranças, fotos antigas e atuais que remetem à sua relação, como mulher negra, com o conhecimento de si e do mundo. A autora defende uma epistemologia em diálogo com Grada Kilomba, que “inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros” (Kilomba, 2019: 58). Além disso, busca aproximar a experiência e as histórias das mulheres negras pela *escrevivência* e pela oralitura, de Leda Maria Martins (2021) – percorrendo linhas de força que marcam suas vidas e as aproximam na “dororidade” (Piedade, 2017).

Ana Clara Damásio, por sua vez, tece os fios que costuram “pedaços” de sua mãe, de forma tocante em seu ensaio. A costura desses pedaços, cada qual disposto em uma fotografia, é o próprio emaranhado de relações que se sustentam nos múltiplos riscos e sulcos que compõem a pele e relevo do corpo. Cada foto-fragmento, aqui, abraça uma cumplicidade e uma intimidade que impedem a transformação da pessoa ali presente em objeto.

Como afirma Conceição Evaristo, a *escrevivência* não é uma escrita narcisista – algo que poderia ser livremente entendido como uma espécie de “*selfie* escrita” –, mas sim de uma escrita que, ao acontecer, faz devir-outro: quem mergulha na própria história já não é mais o mesmo quando emerge. É uma escrita que, como ensina Evaristo, requer um trabalho de *artesanía*, capaz de torcer a língua oficial, como no pretuguês de Lélia Gonzales (1984).

Evaristo, aliás, presenteia-nos com uma reflexão fundamental sobre a noção de *grafia*, ao ensinar a perceber as inúmeras implicações de uma “*grafia*-desenho” repetida por sua mãe, quando a escritora era criança: um desenho do sol feito no chão de terra, que se tornava ali o sustentáculo de todas as vidas, a depender do trabalho daquela mulher como lavadeira. Se chovesse, ficavam muitas roupas por secar, e a fome apertava. Desse desenho,

---

devem continuar sendo a tônica da prática antropológica autoetnográfica e o quanto, para as pesquisas de caráter mais biográfico, têm estado presentes o desenho, a fotografia e outros modos expressivos de produção de conhecimento – o que também chama a atenção neste dossiê.

nasceria sua própria escrita. “É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”, desafia-nos a escritora (Evaristo, 2020b: s/p).

Como nota Sylvia Caiuby Novaes ao dialogar com Arthur Rimbaud, Bruce Albert, Claude Lévi-Strauss e Jean-Jacques Rousseau, em seu artigo “Fotografia e Etnografia”, “uma identidade é verdadeiro emaranhado de sujeitos que se confundem”, visto que *eu é um [ou muitos] outro[s]* – e daí vem a força da etnografia. Ela apresenta, nesse artigo, reflexões desdobradas de uma pesquisa, recentemente concluída, com três mulheres, Claudia Andujar, Lux Vidal e Maureen Bisilliat – todas estrangeiras que, radicadas no Brasil desde os anos 1950, teceram emaranhados de relações e afetos através da fotografia e da etnografia. Fotografar, lembra Sylvia, exige muita confiança, intimidade e empatia; para essas três mulheres, era, além disso, uma forma de comunicação, em face da barreira da língua. Irrigada por relações, a fotografia já não é mais redutível ao instantâneo, ela faz linhas, faz tempo, e Sylvia nos ensina a perceber as inúmeras implicações etnográficas dessa composições.

A bio-grafia e a fotografia, assim como a costura, também atravessam o artigo-pergunta “Seria a costura uma grafia da antropologia?”, de Emiliano Dantas que, inspirado por Grada Kilomba (2019) e Walter Dignolo (2017), busca curar a “ferida colonial” – o que, em certa medida, aproxima-o de Neves da Costa e Damásio. Como diz Kilomba (citada por Emiliano), “a literatura e a arte podem dar ferramentas e linguagem às novas gerações para tratar essa ferida”. Nesse artigo, o antropólogo comenta seu trabalho de costura sobre fotos do período colonial em São Tomé, Angola, Cabo Verde e Moçambique, mostradas na exposição *Cartas do Mau Encontro*<sup>11</sup>. Nesse caso, certas linhas ao longo das fotos são literalmente costuradas, cerzidas, unidas, atadas e juntadas, o que remonta à sua aprendizagem da costura com a mãe, filha de alfaiate. Como explica Dantas, “tomo a grafia como um processo de produção de conhecimento que usa de marcas, pontos, desenhos e linhas para criar uma inscrição interna e externa, a qual atravessa os corpos e produz conhecimento, por saberes capazes de nos transformar e de transformar o mundo onde habitamos”.

No artigo “Eséntáye – entre linhas e fluxos de existência: a cerimônia de nascimento na Tradição de Ifá”, o antropólogo e Bábálawo/Oluwo Patrick de Oliveira Silva

---

<sup>11</sup> Ver Emiliano Dantas, *Cartas do Mau Encontro*. Disponível em: <https://www.emilianodantas.com/cartasdomauencontro>.



compartilha uma reflexão sobre como o Ifá percebe as linhas do destino (*Ipin*). Conforme o autor, o destino não é dado, nem fixo na Tradição de Ifá. Ele passa pela escolha de cada ser que, antes de nascer neste mundo (*Aiye*, terra), decide o que gostaria de fazer e viver e, entretanto, necessita redescobrir essa escolha em seus caminhos – o que não acontece sem uma série de conflitos e mudanças provocados por outras escolhas que ele terá ao longo da vida. As linhas, os traços e os fluxos de existência são, diz Oliveira Silva, tecidos na vida da criança. Assim, no *Opon Ifá*, o destino do recém-nascido, torna-se *grafia*, em um ritual de nascimento – momento em que acontece, segundo Oliveira Silva, uma *transdução* (Simondon, 1989), em que a vida da criança é propagada em linhas que apontam para o destino e inauguram as relações que a marcarão. Em fotografias, Oliveira Silva mostra aspectos desse ritual, em que a criança toca os pés no chão – um chão desenhado – pela primeira vez, entre outras coisas.

Esses artigos entrelaçam-se a outros fios que percorrem o dossiê e amarram um certo poder das fotografias de serem *coisas*, como diria Ingold (2012), “um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam”. Coisas são abertas, indefinidas, mutáveis e vivas, elas formam, com outras coisas, diferentes arranjos que compõem variações ambientais e uma série de outras relações e existências. Apesar das críticas de Ingold à fotografia em favor do desenho, são muitas as contribuições a este dossiê que abrem outras perspectivas. Sylvia Caiuby Novaes, Fabiana Bruno e Cristina Maria da Silva, Lucas Pinheiro Tenório Farias e Tinally Carneiro Batista, além de Larissa Neves da Costa, Ana Clara Damásio e Emiliano Dantas revelam as múltiplas linhas que as fotografias tecem. Afinal como discute Andrea Barbosa, não é possível se fiar em uma definição restrita da fotografia, pois há uma “pluralidade de modos de experiência da fotografia” por sua potência tátil e também criadora de lugares e tempos (2016: 192).

Sylvia Caiuby Novaes, nesse sentido, ao recuperar a dimensão relacional profundamente implicada na fotografia e na etnografia, ensina que o ato de fotografar é um *emaranhado sensorial*. Com David McDougall, Sylvia destaca que a fotografia é um

[...] conhecimento que é antes de mais nada sensorial e que num certo sentido embaralha num mesmo emaranhado os corpos que se situam à frente e atrás da câmera. Num certo sentido, é possível dizer que esse emaranhado sensorial é um dos ingredientes mais importantes da boa fotografia e simultaneamente da boa pesquisa.

Ela mostra que, ainda que haja muitas relações entre fotografia e etnografia, é necessário manter a alteridade entre essas práticas, para que elas possam se afetar.

É a vida das fotografias, quando apartadas de seus referentes e parentes, que interessa a Fabiana Bruno, ao discutir o que ela chama de “fotografias órfãs” – descartes e restos de arquivos fotográficos, sobretudo os que foram coletados por catadores de papel reciclável, e formaram pós-arquivos, pós-álbuns. No artigo “As muitas vidas das imagens”, a antropóloga propõe pensar que essas fotos, em seus novos contextos, “rearranjadas como uma massa viva, desordenada, tornam-se lugares de resistência e re-existência nesses ambientes”. Mais do que isso, elas passam a constituir biomas – tornam-se “coisas” (Ingold, 2012) sujeitas a novos acontecimentos, à itinerância e ao imprevisto e, nessa errância, participam de dinâmicas da vida e do ambiente, ataques de fungos, rasgos, sujeira, reagrupamento e “adoção”.

Em “Guardiãs da memória de álbuns familiares: traços visuais no tempo em a(linha)vos, fotografias e narrativas”, Cristina Maria da Silva, Lucas Pinheiro Tenório Farias e Tinally Carneiro Batista também enveredam pela questão das bio-grafias e dos arquivos fotográficos mas, agora, com um olhar voltado às guardiãs desses arquivos. Quatro mulheres figuram aqui, Tereza, Juvandira, Helena e Mirtes, todas relacionadas à história familiar das autoras e autor, que buscam, nas fotografias delas, “escutar as intimidades de seus cenários familiares, como também as marcas das geografias dos locais por onde passaram”. Assim, estão colocadas questões relativas à busca por recompor “alinhavos de vida” e o tipo de existência que é habilitado por esse modo de ser imagem – o que envolve, também, a ação do tempo sobre as fotos, por exemplo, nas transformações causadas pelos fungos e sua interferência/infiltração em uma história das relações entre mulheres de gerações diferentes da mesma família.

O artigo também compartilha um traço em comum com diversos textos desta coletânea: a múltipla autoria, emaranhando uma composição de perspectivas que evidencia que o conhecimento não se produz de modo isolado. Feito jogo de barbante, poderíamos pensar, ele vai dando novas relações, formando outros nós e topologias no espaço mobilizado pelas/entre as mãos.

Gleiciane Santos e Mariane Pisani escrevem, a quatro mãos, “Entre tramas, fios, linhas e bordados: trajetórias de pesquisa e processos de escrita etnográfica” – um artigo sobre a pesquisa de Gleiciane, estudante negra e ela própria bordadeira, com outras bordadeiras. O texto visa evidenciar a reflexividade das/entre as autoras – orientanda e orientadora – sobre um processo de descoberta de um *modus operandi* de pesquisa em antropologia. A aproximação entre linhas (bordadas) e vidas também se faz presente neste artigo, que busca discutir as implicações entre escrita, subjetividades e biografia.

Outros artigos com múltipla autoria são voltados à reflexão sobre experimentações etnográficas através da escrita e de outros modos de comunicação e difusão das pesquisas em antropologia. Uma dimensão importante dessas pesquisas é justamente sua capacidade de criar ambiências que possibilitem o engajamento sensorial mais imediato de quem as acessa, visto que, nesse caso, os sentidos são mobilizados em conjunto.

Anita Ferrari, Soraya Fleischer e Daniela Manica, no artigo “Sonoridades, escutas e aprendizados de antropologia com o uso de *podcasts* em sala de aula”, apresentam uma pesquisa sobre a experiência de audição de episódios do podcast *Mudaréu* por estudantes de 14 disciplinas ofertadas na Universidade de Brasília, em 2020. A partir dos resultados da pesquisa, as antropólogas refletem sobre a importância da percepção ativa dos sons e da escuta como parte de uma aprendizagem que aproxime os estudantes do conhecimento na prática da antropologia. Os sentidos, como argumentam as autoras a partir de Tim Ingold (2008) e Roberto Cardoso de Oliveira (1996), não estão isolados: a percepção acontece com o corpo inteiro e em seus engajamentos com o ambiente.

A contribuição de Daniele Borges Bezerra, Alexsânder Nakaóka Elias, Valéria de Paula Martins, Lisandro Lucas de Lima Moura, Patricia dos Santos Pinheiro e Luis Carlos Toro Tamayo ao dossiê se dá pelo artigo “Etnografias multissensoriais e mediações antropológicas: a experimentação como forma de errância” – uma reunião de experiências com a antropologia multimodal que vêm sendo levadas a cabo por eles/as em diferentes partes do Brasil e da Colômbia e que revelam novos caminhos e potenciais para a antropologia. Os autores são membros do *GT AntropoÉticas: narrativas e ressonâncias sensíveis em imagens visuais e sonoras, como formas de transgredir fronteiras epistemológicas*, vinculado à Associação Latinoamericana de Antropologia (ALA), e convidam a refletir sobre as possibilidades da “errância poética” por diferentes meios – uso

de plataformas digitais, por exemplo, para apresentar chamadas telefônicas de WhatsApp convertidas em um jogo interativo, uso de recursos olfativos e QR Codes para acessar gravações em materiais impressos, cartas sonoras, desenho, fotografia, cinema, games, entre outros – para a experimentação etnográfica, tanto como modo de conhecimento, quanto para comunicar resultados de pesquisa.

A partir de um exercício de desenho e fotos, realizado em um encontro no Parque da Redenção, em Porto Alegre (RS), Laura Veronese, Carmencita Job e Pâmela Costa escrevem “Encontrando ‘pistas’: um percurso etnográfico multissensorial sobreposto pelo desenho, fotografia e vídeo” ao modo de um “fluxo de consciência, onde múltiplas vozes narradoras condensam percepções de continuidade e ruptura acerca de uma mesma experiência de campo”. As autoras visam a um “perspectivismo narrativo” (Veiga, 2015), em que as três vão, cada qual a seu tempo, apropriando-se do discurso. Buscam também a incorporação de possibilidades perceptivas da experiência de campo na escrita, explorando outros formatos, multimodais, de apresentação. Para isso, incluem desenhos e fotos à experiência de leitura, amplificando as possibilidades sensoriais ali presentes.

Se o experimento de Laura Veronese, Carmencita Job e Pâmela Costa possibilita um outro olhar sobre um espaço importante na cidade Porto Alegre, por onde elas passam com frequência, Andrea Barbosa apresenta uma perspectiva inovadora, ao pensar as cidades a partir de seus quintais, praças e parques. No artigo de “Quintais produzindo a vida da cidade”, a autora apresenta pesquisa etnográfica realizada por ela em quintais, hortas e canteiros urbanos nas cidades de São Paulo e Guarulhos (SP). O artigo leva-nos a um passeio por esses espaços verdes, cultivados por iniciativa de moradores dessas cidades e convida a “perceber as cidades que são produzidas nesses enredamentos”. As fotos que compõem o artigo realçam aquilo que o texto vai evidenciar – os diferentes modos de habitar as cidades, através do cultivo de hortas e jardins e, nesse sentido, apontam para uma possível co-produção do ambiente urbano, em sentido ingoldiano.

Dos quintais nas cidades, que tecem relações entre humanos e plantas, seguimos para a relação entre animais, humanos e máquinas. Ivan Gomes, em “Coveiro de cavalos: imaginação e escrita etnográfica” aguça os sentidos do/a leitor/a, por meio de uma etnografia poética, articulando antropologia, filosofia e literatura. A partir da morte de um cavalo que trabalhou arduamente na lavoura de um casal, agora idoso, Ivan amarra relações

multi-espécies com as transformações que impactam um mundo rural nas ruínas do capitalismo (Tsing, 2022). A sua escrita é tecida, como ele diz, em retalhos pretos (fonte na cor preta), que narram histórias que ele vivenciou durante a pandemia de Covid-19 e retalhos azuis (fonte na cor azul), que tecem um ensaio especulativo sobre imaginação, escrita poética, antropologia e literatura, entre outras questões. Seguindo essas linhas, Ivan aceita o desafio de “ficar com os problemas” e apostar em “uma escrita [de] continuidades opositivas e da lógica recursiva”, como nos jogos de barbantes (SF), de Haraway (2016).

Os emaranhados material-semióticos de Karen Barad, articulados às naurezasculturas de Donna Haraway e à referência circulante de Bruno Latour revelam-se operadores potentes para Emília Braz e Paula Sandrine Machado abrirem a caixa-preta do “real” e da “cisgeneridade”, revisitando o famoso caso Agnès, no artigo “Os estudos trans encontram os estudos sociais da ciência: uma aproximação teórico-metodológica a partir do problema da passabilidade”. A realidade e a cisgeneridade não são um dado, um substrato fechado, mas surgem das intra-ações e coproduções. É nessas intra-ações que o corpo de Agnès é materializado e dotado de passabilidade. Como analisam as autoras, “materialização [...] diz respeito à composição híbrida da realidade a partir de agentes humanos e não-humanos, desde complexas e dinâmicas intra-relações material-semióticas entre carne e palavra, fato e artefato e realidade e conceito, passíveis de observação através dos movimentos que constituem um referencial circular”. Os emaranhados permitem rachar as palavras, rachar as coisas, rasgar a carne em uma etnografia que busca adentrar as múltiplas relações que sustentam aquilo que nomeamos como realidade, para assim desatar alguns nós que sufocam vidas que importam, para que outros nós que sejam amarrados com vistas a existências mais oxigenada por meio de outras estórias.

Com essas instigantes contribuições, o dossiê flui ao longo de linhas que correm na tela do computador e evidenciam alguns caminhos-tentáculos, tentando e tateando, tocando e alcançando simultânea ou sucessivamente, temas e questões fundamentais. Passamos pelas implicações (os “nós”) entre diferentes sujeitos de pesquisa, pelos “nós” que os percorrem no momento em que escrevem, fotografam, desenharam, pelas implicações (os “nós”) de sua distribuição em diferentes *coisas* e pelos “nós” que se embrenham com a crise ambiental e responsa-habilidades necessárias para seguir com os problemas. Sem a

pretensão de desemaranhar os fios – pelo contrário –, os artigos deixam-nos a tarefa de não desfazer a cama de gato, mas seguir jogando e tentando, tateando.

Agradecemos os/as autores/as pelas contribuições, a Cornelia Eckert, Ana Luiza Cavalho da Rocha e Bárbara Mór pelo apoio à produção desse dossiê. Parte dos artigos aqui reunidos foi apresentada no Simpósio Especial *As grafias da antropologia e suas costuras*, na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, coordenado por Luis Felipe Kojima Hirano e Aina Azevedo – a quem agradecemos pela interlocução. Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

- BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham: Duke University Press, 2007.
- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. *Revista Vazantes*, Florianópolis, vol.1, n.1, pp. 7-34, 2007.
- BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana e CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). *A experiência da Imagem na etnografia*. São Paulo, Terceiro Nome, Coleção Antropologia Hoje, 2016.
- BERGER, John e SAVAGE, Jim (Ed). *Berger on Drawing*. Aghabullogue, Occasional Press, 2005.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n. 2, pp. 57-67, 2014. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.245>.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, pp. 13-37, 1996.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza da. *Etnografia da duração*. Porto Alegre, Marcavisual, 2013.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes (org.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Z Cultural*, v. 3, n. 18, 2020b. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-MÃE-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA---Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 10 outubro 2022.
- GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 2, pp. 188-208, maio-agosto 2020.
- GARCIA DOS SANTOS, Laymert. *Projeções da Terra-Floresta: O Desenho-imagem Yanomami*, 2014. Disponível em: <https://www.laymert.com.br/yanomami/>. Acessado em 25 de maio de 2021.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, n. 92/93, pp. 69-82, 1988.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS*, Rio de Janeiro, pp. 223-244, 1984.
- HARAWAY, Donna. *Manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, Washington, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham e Londres: Duke University Press, 2016.
- HIRANO, Luis Felipe Kojima. Preliminary diffractions on the drawings of The Falling Sky Davi Kopenawa and Bruce Albert. *Rivista La Furia Umana*, n. 43, s/páginas, 2022.
- INGOLD, Tim (org.). *Redrawing Anthropology*. Farnham, Ashgate, 2011a.
- INGOLD, Tim. *Lines*. Londres: Routledge, 2007.
- INGOLD, Tim. *Being Alive*. Londres: Routledge, 2011b.
- INGOLD, Tim. *Making*. Londres: Routledge, 2013.
- INGOLD, Tim. *The life of lines*. Londres: Routledge, 2015.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, pp. 25–44, 2012.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOFES, Suely. *Entre nós, os pobres, eles, os negros*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1976.
- KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- LOTIERZO, Tatiana. 2019. *Erosão num pedaço de papel*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.
- LOTIERZO, Tatiana. *Amarrar ressonâncias: considerações sobre desenho e antropologia*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 65(2), 2022.
- LOTIERZO, Tatiana. Dos corpos, a terra: notas sobre a criatividade no trabalho de Rosa Tisoy. In: MAINARDI, Camila; DAL BÓ, Talita L. e LOTIERZO, Tatiana. *Processos e efeitos da produção de conhecimentos com as populações indígenas*. Goiânia, Editora da Imprensa Universitária (UFG), 2020.
- MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, pp. 1-18, 2017.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- Rios, Flávia. Améfrica Ladina: the conceptual legacy of Lélia Gonzalez (1935–1994). In: PINHO, Osmundo. *El Pensamiento de Lélia Gonzalez, un legado y un horizonte*. LASA, 2019.
- SIMONDON, Gilbert. *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier, 1989.
- TAUSSIG, Michael. *I swear, I saw this*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.
- VEIGA, Renato Jacques de Brito. 2016. Dançando Estruturas: Lévi-Strauss, Alfred Gell e a dança contemporânea. *Caderno de Campo*, v. 24, n. 24, 1991, p. 18-42.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p18-42>.